



BUSTO DE CANOVA.

À BREVE noticia do celebre Canova, estampada a pag 354 do vol. 5.º que publicámos em 1841, addicionaremos agora mais algumas particularidades. — Vimos como se desenvolveu precoce o engenho de tão exímio artista; accrescentaremos que na idade de vinte e dois annos era já conhecido como auctor das estatuas de Orpheu e Euridice: o grupo de Icaro e Dedalo rendeu-lhe logo uma pensão pecuniaria estipulada pelo senado veneziano. Esmerou-se nos seus trabalhos, para obstar a corrupção do gosto artistico, diligenciando reunir o estudo da natureza á ideal belleza dos antigos, o que mostrou sobejamente no *Theseu cavalgando no Minotauro vencido*. Da appareição dessa obra data a sua fama europea.

Tendo em 1798 sabido da patria, agitada pelas guerras e revoluções, com o intento de viajar pela Alemanha; quando voltou a Roma, nomeou-o inspector geral da academia de bellas-artes o pontifice reinante Pio 7.º, dando-lhe ao mesmo tempo o grau de cavalleiro romano, e fazendo-lhe a singular honra de lhe pôr ao peito as insignias desta condecoração. Em 1802 S. Santidade facultou-lhe a permissão de passar a França, onde o primeiro consul, Buonaparte, o chamava; e na capital, París, foi lisongeiramente acolhido, e o Instituto recebeu-o em o numero dos socios: tomando o encargo de fazer um busto colossal de Napoleão, não foi tão feliz

nesta como nas obras precedentes, todavia não deixou de obter a fita da legião d'honra.

Outra viagem fez Canova á França, mas em mui differentes circumstancias, e quando o museu francez, enriquecido com as espoliações commettidas em quasi toda a Europa, foi por via de restituição despojado da maior parte das preciosidades que as armas triumphantes de Napoleão lhe tinham consignado. O papa déra commissão a Canova de reconduzir a Roma quantos objectos artisticos haviam por esse tempo sido tomados áquella capital do orbe christão. Desta vez partiu com o titulo e character de embaixador do pontifice, o que deu motivo a que os francezes, por sua natural propensão motejadora, lhe chamassem *emballeur*, empacotador, em lugar de *ambassadeur*, embaixador; porque na realidade elle foi entrouxar e buscar o que tinha sido *roupa de francezes*.

Dahi a pouco tempo dirigiu-se a Londres, onde Jorge 4.º, então principe regente, o brindou com uma soberba caixa de tabaco guarnecida de brilhantes; desgostoso porem do clima voltou em breve para a Italia, e o papa lhe deu a incumbencia de fazer assentar nos respectivos logares as obras primas que acabavam de chegar de París. Por esta occasião prestaram-lhe as maiores honras; a academia de S. Lucas sabiu a recebê-lo; e o summo pontifice, em demonstração do quanto estava con-

tente delle, na solemne audiencia que lhe concedeu em 5 de fevereiro de 1816, teve a complacencia de lhe entregar por sua propria mão o diploma que attestava ficar-lhe inscripto o nome em o livro aureo do capitolio. A final foi creado marquez d'Ischia, com a renda de 3:000 escudos romanos, que despendeu toda em favorecer e animar os alumnos das artes, a beneficio das quaes praticou outros muitos actos de liberalidade, como dissemos no artigo, que no começo deste deixámos citado.

MANUEL DE SOUSA DE SEPULVEDA.

VI.

O Catastrophe.

DESTRUIDA com o destroço completo do galeão a possibilidade de armar embarcação dos seus fragmentos, convieram ir caminho do rio de Lourenço Marques, onde esperavam encontrar navio dos que todos os annos alli costumavam vir de Moçambique ao resgate do marfim. Mas como havia muitos feridos e doentes, e alli tinham agua e mantimentos que salvaram do naufragio, pareceu a Manuel de Sousa demorar-se n'aquelle sitio até que todos sarrassem, e no emtanto fortificar-se, como fez, por cautella com tranqueira de areas e pipas. No estado em que todos se achavam era elle o que mais soffria: soffria os cuidados e amarguras de chefe; as afflicções de pai e esposo, e esposo de tal mulher como D. Leonor; as magoas de portuguez; as penas intimas de homem. Opprimido da gravidade das circumstancias, do extraordinario da situação, e da incerteza do futuro não tinha um momento de descanso; provendo atudo, pensando em tudo, trabalhando com o corpo e ainda mais com o espirito, vigiando de dia, e levantando-se de noite tres, quatro vezes a rondar o quarto.

Uma interrupção.

Os vinhos odoriferos.....

.....
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria.

Lus. CANT. X. EST. 4.^a

N'uma d'essas noites, estando o piloto e o mestre na sua barraca que tinham ordenado de uma vela velha, e uns páus, houve entre os dois um dialogo pouco mais ou menos nos termos seguintes.

— Grande peccado, irmão André Vaz [André Vaz era o piloto] nos metteu nesta desgraça em que nos vemos: e o peor é que o paguem os justos e os peccadores. Deus me perdoe e me livre de formar juizos temerarios; mas receio que aquella morte... Infeliz! Eu ouvi com estes ouvidos, e só de pensalo ainda estremeço, eu ouvi nas mais tardias e sósinhas horas de algumas noites das que passámos em tormenta, uns lamentos que não eram de pessoa viva, mas de alma de finado, e a voz, de que bem me recordo, era a sua — a sua e não podia ser outra.

— Illusão, mestre! Eram pios de algum maçarico.

— Peior é essa! Obrigais-me então a revelar-vos o

que não queria. Vi com estes olhos, vi o espectro ensanguentado!...

— Historia! Vistes... O que vós vistes foram os phantasmas da vossa imaginação aterrada com o perigo da tempestade.

— Tenho-me achado em muitas, sem mudar de cor; mas em nenhuma em que houvesse as appareções funestas que presenciei nesta. Sois incredulo!

— Incredulo! Ora essa! Estaes zombando. Acredito firmemente que esta costa em que naufragámos é desastrada, cheia de correntes encontradas e de parceis; e sobretudo que se não tivéssemos trazido uma vela rota e velha que nós fez perder bons lanços de vento em quanto nos occupavamos a cosê-la e remenda-la, e se a embarcação não viesse tão atravancada gemendo com a carga que era muita, teriamos salvado o Cabo com tempo bonança, e a esta hora estaríamos descansados em Portugal. Mas ao que dizeis não posso dar credito.

— Acreditai-o ou não, digo-vos, piloto, que o galeão estava excommungado. Nunca me lembra de encontrar ventos tão ponteiros, nem mares tão anaçados do temporal como aquelles estavam: eram furias e diabos do inferno; não eram ventos nem mares. As lanças de fogo que atravessavam o céu eram uma cousa medonha como eu nunca vi. O estalar dos trovões não ha memoria de outro tão continuado e pavoroso nestas paragens. As enxarcias assobiavam de um modo estranho e singular. E o leme, o miseravel leme andava com elle bruxaria — bruxaria, não póde deixar de ser — e tantas voltas lhe deram que a final perdeu de todo o governo. Assim havia de ser para nossa desgraça, porque navio sem leme é o mesmo que casa sem dono, e cabeça sem miolos... [Neste ponto o piloto não póde suster um sorriso que bem claro queria dizer — que a cabeça do mestre era uma daquellas cabeças, que elle sem dar por tal estava descrevendo com deliciosa ingenuidade]. E depois os mezes que andámos e desandámos escorrendo a costa, sem haver vê-la nem menos toma-la... só por arte diabolica, ou por castigo de Deus — que os nossos peccados são grandes!... Foi mofina nossa não haver ninguem que se lembrasse de absolver ou esconjurar o galeão, que se o fizessem não nos veriamos agora mettidos nestes trabalhos. Bem fresco tenho ainda na idéa o caso que aconteceu na armada de Affonso d'Albuquerque, estando a hibernar, na ilha Camaram, em 1513 (*), se bem me recordo. Escutai, piloto, que é um caso verdadeiro, e ainda estão vivos muitos christãos que m'o contaram, testemunhas delle. E foi que sendo tão grande a fome que os nossos padeceram na ilha que não escapou cousa viva de gado, camellos, e asnos que se não comesse, té de um palmar, que Affonso d'Albuquerque quiz guardar para fazer fortaleza, não ficou raiz. De maneira que assi deste mantimento como de uma sorte de peixe a modo de cações, ostras, centolas, e caranguejos mais azues e verdes que da cor que ha naquellas partes, se causou em toda a frota um genero de enfermidade, que estando um homem rindo e jogando as cartas ou enxarcas, cabia para a outra parte morto, com grande espanto e terror de todos por ser morte subita. Succedeu fallecer desta morte um homem d'armas que lançaram ao mar, sepultura dos que nelle morrem. E estando de noite os que vigiavam seus quartos em vigia de uma náu, ouviram grandes pancadas

(*) Barros. Decad. 2.^a P. 2.^a pag. 290 e 291. — Edição da Imprensa Regia.

nella, e parecendo-lhe que fundeava em alguma cabeça de areia, acudiram por fóra com um batel ver o lugar onde sentiram as pancadas, e acharam o defuncto pegado com as mãos na quilha junto do leme. Tiraram-no dalli, e enterraram-no em terra; mas ao dia seguinte foi achado em cima da cova. Acudiu a este mysterio o P.^o Fr. Francisco, pré-gador, e julgando estar o morto em alguma ex-communhão, o absolueu. Absolvição foi ella que tornado a enterrar, ficou para sempre.

—Aconselho-vos, mestre, que não sejais tão prompto em engulir cações e outros acepipes, sobretudo se forem da ilha Camarão, como o sois em engulir patranhas, como essa que acabais de me contar: que se engulirdes os primeiros ficareis morto e bem morto, e protesto-vos que vos não boli-reis mais do sitio onde vos lançarem, como dizeis se boliu esse defuncto que se agarrou á quilha de uma náu; porque haveis de saber que os arames que pozeram em movimento ao tal finado, não foram, nem mais nem menos, do que maranhas de alguém que ideava pretexto para se sahir daquella ilha infernal.

—Blasphemais, piloto!

—Não tenho estomago que accommode animalejos taes como esses que me quereis empurrar.

—Nesse caso obrigais-me a fallar sem rodeios. Seria patranha a morte de Luiz Falcão, e o casamento que se seguiu a esse desastre?...

—Silencio e prudencia, mestre, que esta barraca tem ouvidos... Silencio e prudencia e sobretudo mais caridade com o proximo, que o espirito maligno, que dizeis divisastes nos ventos e nas enxarcias, vejo eu agora, e bem claramente, que se vos veio aninhar na lingua!

—Eu digo o que dizia e pensava o povo de Góa e de toda a India.

—Os conceitos do povo, mestre, são inconstantes como os ventos, e variaveis como as correntes desta costa....

A esta altura tinha chegado o dialogo, em que os dois contendores ficaram por algum tempo silenciosos, medindo-se um a outro, e como refazendo-se para continuar a lucta; lucta de que todavia escusam os nossos leitores de esperar consequencias mais serias, porque toda a artilheria que se jogava de parte a parte não passava de palavras. O mestre Christovão Fernandes, apesar da idade e de ter soffrivelmente abalroados a meia duzia de dentes, que lhe tinham escapado ao naufragio de todos os outros, em despedindo a lingua parecia fóra de duvida ter resolvido o problema do moto continuo. O piloto, que estava na força da vida, e que conservava completa a batteria mandibular, não era tão palrador: mas a sua polvora era mais fina. Entre os dois não havia similitude senão em pertencerem ambos á mesma especie dos bipedes. Ao mestre faltava-lhe já o aço que é uma falta mui sensível; em quanto o piloto, soldado sem segundo, militava com igual reputação nas bandeiras de Neptunc e Venus. Não era ahí qualquer pedante: e delle é que podia dizer-se: *laureatus in utroque jure*. Boa alma no mais, incapaz de fazer mal a uma mosca, pontual, generoso, amigo dos seus amigos; mas em endireitando o olho a uma coifa, ninguem se lhe atravessasse na estrada, que o tal piloto fazia um homem em talhadadas como se fosse um melão. Por isso é que elle achava certo chiste áquillo mesmo que o bom velho Christovão Fernandes tanto reprovava: e para apanhar uma

garça do lote daquella que apanhou o seu capitão, Manuel de Sousa de Sepulveda, daria não só um tiro, mas uma duzia de tiros, e não só mataria um homem, mas um cento delles, se fosse preciso, sem o mais pequeno escrupulo. De resto, André Váz não sabia se as suspeitas do mestre naquella ponto escabroso eram bem fundadas: mas approvando o delicto, a que ellas se referiam, de todo o seu coração, a sua natural prudencia, regulada pelo adagio «nem zombando, nem de veras, com teu amo jogues as peras» embridava-lhe a lingua sobre quanto podia ser offensivo aos seus superiores. Tinha feito bastantes viagens, e nessas viagens tomado talvez algumas tinturas de lutheranismo. Não era que tivesse duvidas sobre o dogma, porque André Váz entrava de melhor mente por uma perna de presunto ou um quarto de carneiro do que por qualquer ponto ou calhamaço de theologia. O seu lutheranismo era de outra estofa. O homem não acreditava em bruxas, nem em feitiços, nem em belecocos, nem em espiritos que vem, nem em espiritos que voltam. Da santa inquisição fugia como se póde fugir de cobra de cascavel, e aos muito reverendos inquisidores tinha o asco que se costuma ter aos animaes peçonhentos, ás viboras e aos lacraús. De methaphisicas não entendia. O admiravel bom sizo de que era dotado ia direito ao amago das questões praticas que a rotação da sua vida appresentava á sua intelligencia para resolve-las — como a bala do caçador dextro vai direita á peça de veação em que põe a mira. Emfim o piloto André Váz era taul de repica ponto, e póde dizer-se que naquelles tempos era um homem do progresso.

Não assim o mestre Christovão Fernandes. Não havia beata velha cuja credulidade tonta podesse correr parelhas com a sua. A lingua tinha volvel em demasia, e muito pouco avisada. Os brios de marinheiro e de soldado iam-lhe fugindo rapidamente com os annos, e tinham soffrido uma quebra lastimosa com o perigo de que havia pouco se salvára. Para cumulo de desgraça o soberano elixir com que os reparava das brechas amiudadas, que a idade e o susto dos temporaes lhe faziam, perdeu-se-lhe no naufragio. Dos dois seus melhores e mais intimos amigos restava-lhe um, que era o seu rosario, e faltava-lhe outro que era o seu cangirão; e com esta falta os restos desbaratados do seu antigo valor estavam quasi a exhalar o derradeiro suspiro.

O piloto que era compassivo e que bem conhecia donde nasciam os apuros do velho, e o modo infallivel de afinar aquella viola destemperada, depois de alguns minutos de silencio em que os deixámos a ambos, foi-se a um canto da barraca, e tirando uma borracha — por uma transição habil, que esqueceu á perspicacia do proprio Quintiliano — passou a offerece-la ao desconsolado mestre por estas palavras: «Mestre, eu que conheço uma das vossas mais particulares devoções, quero esta noite proporcionar-vos meio de satisfaze-la.» — O mestre arrebatado da eloquencia destas palavras, temendo transtornar com as suas este bello movimento, pôz logo a borracha á boca: e o vinho precipitou-se naquellas cavernas com a impetuosidade de um rio desembocando na sua foz.

Estava, neste momento, verdadeiramente sublime o nosso mestre: os olhos envidraçados erguidos ao céu; as mãos sobre a borracha; a direita, como que desconfiada de que fosse pouco efficaz a lei

da gravidade, ajudando por meio d'amorosas compressões a quèda do liquido; o pescoço estendido como um ganso; e os gorgomilos ora contrahindo-se, ora dilatando-se. E o piloto contemplava, admirado, ao seu companheiro todo absorto naquelles calculos de longitude. Mas esperou, esperou tanto tempo que elle acabasse de tirar-lhe a prova, que cançado já de esperar, e temendo que a incognita daquella trabalhosa equação não viesse a apparecer senão no fundo da sua borracha, sem mais cerimonia deitou mão a ella, interrompendo o silencio, que durava havia minutos, por estas palavras:

— «Arreai, mestre, arreai-me a escola a essa embarcação, que com a brisa desfeita em que is vejo-vos geito de dar com ella em secco. A modo que vos sentia vontade de seguir a vasante a esse esteiro. Que é isso! Vós quereis encontrar váo na minha vasilha, como o exercito do Senhor Deus o encontrou no rio Jordão!» O mestre, perturbado no seu extase, voltou-se cheio de ira [mas ainda lambendo os beiços] contra o piloto, dizendo:

— Callai, judeu e infiel tornadoço, que, pela gorja o juro, se estivessemos em terra de Góa o P.º mestre, Diogo de Borba, vos havia de emendar essa impiedade na santa inquisição.

— Christão velho sou [tornou-lhe o piloto], mer-

cê de Deus; mas á fé que banho tão luxurioso como este ainda o não tomaram as vossas goelas.

— Excellente pinga! [Esta exclamação era signal de que o vinho, afugentando a ira repentina do mestre, começava a desatrophiar-lhe os humores, e a fazer o seu effeito costumado].

A crimeza do semblante ia-lhe esparecendo n'um sorriso. A côr da purpura começava a assomar-lhe nas faces. Os olhos semi-abertos mostravam aquella bemaaventurada intercadencia, verdadeiro elysio da beberronia. Passou uma sombra, e esta sombra, que era real, não a viu já mestre André Fernandes, que as via imaginarias quando estava em seu juizo, que era talvez quando tinha menos. A sombra era Manuel de Sousa que andava rondando, e que approximando-se á barraca, disse para dentro: «fria noite, camaradas.»

— Como gelo, capitão [respondeu o piloto], não está noite para beber agua.

— É assim, piloto. Que falta nos fazem aquellas boas vasilhas que se nos foram com o naufragio.

— Uma alentada borracha trazia eu [tornou-lhe o piloto], capaz de dar vida a um defuncto, que a estas horas estará vasada no buxo de algum tubarão. [Nisto o capitão foi continuando a sua ronda, e o tubarão, que era o mestre, resonava já a bom resonar].

(Concluir-se-ha).

A. d'O. Marreca.



A TORRE DA MAL-MORTA.

QUANDO na Castella o poder soberano, debil e vacillante, a grão custo se mantinha contra maquinações e enredos sediciosos de ricos-homens, que não se pejavam de guerrear o monarcha, ao passo que laceravam o reino por suas parcialidades, convertendo-o impunemente em theatro de sanguenta devastação, claro está que não podiam ser respeitadas os bens e vidas daquelles a quem manifestavam desagrado ou inimidade. Não poucos exemplos las-

timosos desta desordem e desenfreamento a historia offerece; e se a auctoridade regia não tinha vigor para fazer-se forte contra a ousadia arrogante dos senhores, muito menos podia vingar injurias feitas a vassallos mais fracos, aos quaes não ficava arbitrio para se defenderem da maldade e injustiça. Se por acaso nesses tempos calamitosos chegavam a ser castigados alguns delictos e desafóros da nobreza orgulhosa, tão leves eram as pennas impostas que

mais serviam de estímulo para cometerem novos crimes, do que de salutar escarmento á perversidade. Raras, e por isso mui celebradas eram as reparações estrondosas, devidas á innocencia.

Nos principios do seculo 15.º, no reinado de D. Henrique 3.º, em que não houve tanta abundancia de maldades e turbulencias, por ser o principe, como a historia nô-lo pinta, muito amante da rectidão e da justiça; vivia em Cordova certo cavalleiro, que possuido de uma paixão tão arrebatada, e alheia a conselhos, como é o ciúme, deu morte a sua mulher sem causa justa: — o rei [diz uma memoria contemporanea] feita a prova ordinaria mandou por sentença que fosse edificada a torre a que chamam *de la mal-muerta*, quer dizer, da que morreu injustamente. Nella e por debaixo do arco que a junta com a muralha da cidade, n'uma lapida, que na parte superior tem as armas de Castella e de Leão, gravou-se uma inscripção, que declara como D. Henrique a mandára levantar e por quem, e que tivera começo em 1406 e termo em 1408. — Não é este do numero dos edificios antigos, que por signaes d'ancianidade, por occuparem sitios tristes e remotos da habitação dos homens, ou por outras circumstancias que excitam vivamente a phantasia, dão origem a lendas e contos, em que para o vulgo consiste toda a historia dessas construcções de outras eras. É uma torre elegante e forte, erecta em lugar de muita frequencia de povo: porem a denominação de *mal-morta*, o estar já illegivel a inscripção, deu margem para que a plebe fingisse a seu sabor as fabulas e maravilhas, com que tanto se recreia a credulidade. Imaginam pois que algum mouro encantador fabricou a torre deixando abí escondido mui avultado thesouro; e que o homem afortunado a quem o sabio magico destinou tão preciosa mina será aquelle que ao passar correndo a cavallo por baixo do arco poder lêr o letreiro, de que restam tenuissimos vestigios: com tal condição facil é d'inferir que nunca similhante thesouro será desencantado, nem correrão risco de ficarem por mentirosos os que asseveram a tradição.

A DAMA PÉ-DE-CABRA.

(Conto de junto ao Lar).

Parte Segunda.

I.

ERA um dia ao anoitecer: D. Inigo estava á meza mas não podia cear, que grandes desmaios lhe vinham ao coração. Um pagem mui mimoso e privado, que em pé diante delle esperava seu mandar, disse então para D. Inigo: — «Senhor, porque não comeis?»

«Que heide eu comer, Brearte, se meu senhor D. Diogo está captivo de mouros, segundo resam as cartas que ora delle são vindas?»

«Mas seu resgate não é a vossa mofoina: dez mil peões e mil cavalleiros tendes na mesnada de Biscaia: vamos correr terras dos mouros: serão os captivos resgate de vosso pai.»

«O perro d'elrei de Leão fez sua paz com os cães de Toledo: e são elles que tem preado meu pai. Os alcaides e potestades do rei tredo e vil não deixariam passar a boa hoste de Biscaia.»

«Quereis vós, senhor, um conselho, e não vos custará nem mealha?»

«Dize, dize lá, Brearte.»

«Porque não ides á serra procurar vossa mãe? segundo ouço contar aos velhos ella é grande fada.»

«Que dizes tu, Brearte? — Sabes quem é minha mãe, e que casta é de fada?»

«Grandes historias tenho ouvido do que se passou certa noite neste castello: ereis vós pequenino, e ainda eu não era nada. Os porquês destas historias, isso Deus é que o sabe.»

«Pois dir-t'o-hei eu agora. Chega-te para cá, Brearte.»

O pagem olhou de roda quasi sem o querer, e chegou-se para seu amo: era a obediencia, e ainda mais um certo arripio de medo, que o fazia chegar.

«Vês tu, Brearte, aquella fresta entaipada. Foi por alli que minha mãe fugiu. Como e porque, aposto que já t'o hão contado!»

«Senhor, sim! — Levou vossa irmã comsigo. . .»

«Responder só ao que pergunto! Sei isso. Agora cal-te.»

O pagem pôz os olhos no chão, de vergonha; que era humilde e de boa raça.

II.

E o cavalleiro começou o seu narrar.

«Desde aquelle dia maldito meu pai pôz-se a scismar: e scismava e amesquinhava-se, perguntando a todos os monteiros velhos se porventura tinham lembrança de haverem no seu tempo encontrado nas brenhas alguns mêdos ou feiticeiras. Aquí foi um não acabar d'istorias de bruxas e d'almas penadas.

«Havia muitos annos que meu senhor pai se não confessava: alguns havia tambem que estava viuvo sem ter enviuvado.

«Certo domingo pela manhaã nasceu o dia, alegre como se fóra de paschoa: e meu senhor D. Diogo acordou carrancudo e triste como costumava.

«Os sinos do mosteiro lá embaixo no valle tangiam tão lindamente que era um céu aberto. Elle pôz-se a ouvi-los, e sentiu uma saudade que o fez chorar.

«Irei ter com o abbade: disse elle lá comsigo: quero-me confessar. Quem sabe se esta tristura ainda é tentação de satanaz?»

«O abbade era um velhinho — santo — santo que não o havia mais.

«Foi a elle que se confessou meu pai. Depois de dizer *mea culpa*, contou-lhe ponto por ponto a historia do seu noivado.

«Ui! — filho — bradou o frade — fizestes mari-dança com uma alma penada!»

«Alma penada, não sei: — tornou D. Diogo; mas era cousa do diabo.

«Era alma em pena: digo-t'o eu, filho: — replicou o abbade. — Sei a historia dessa mulher das serras. Está escripta ha mais de cem annos na ultima folha de um santoral godo do nosso cartulario. Desmaios que te vem ao coração, pouco me espantam. Mais que ancias e desmaios costumam roer lá por dentro os pobres excommungados.»

«Então estou eu excommungado?» —

«Dos pés até a cabeça; por dentro e por fóra; que não ha que dizer mais nada.»

«E meu pai, a primeira vez na sua vida, chorava pelas barbas abaixo.

«O bom do abbade animou-o como a uma creança, consolou-o como a um desventurado. Depois pôz-se a contar-lhe a historia da dama das penhas, que é minha mãe — Deus me salve!»

«E deu-lhe por penitencia ir guerrear os perros sarracenos por tantos annos quantos vivêra em pecado, matando tantos delles, quantos dias nesses annos tinham corrido. Na conta não entravam as sextas-feiras, dia da paixão de Christo, em que seria irreverencia trosquiar a vil relé de agarenos, cousa neste mundo mui indecente e escusada.

«Ora a historia da formosa dama das serras, de verbo ad verbum como estava na folha branca do santoral, resava assim segundo lembranças do abade.

III.

No tempo dos reis godos — bom tempo era esse! — havia em Biscaia um conde, senhor de um castello posto em montanha fragosa, cercado pelas encostas e quebradas de vastissima floresta. Na floresta havia todo o genero de caça, e Argimiro o Negro — assim se chamava o rico-homem — gostava, como todos os nobres barões d'Hespanha, principalmente de tres cousas boas — da guerra, do vinho, e das damas — mas ainda mais do que de tudo isso, gostava de montar.

Dama possuia-a formosa, que era linda a condessa: vinho, não havia melhor adega que a sua: caça, era cousa que na floresta não faltava.

Seu pai, que fóra caçador e fragueiro, quando estava para morrer, chamou o filho e disse-lhe: — has-de jurar-me uma cousa que não te custará nada.

Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe ordenasse.

«É que nunca mates fera em cama e com crias, seja urso, javali, ou veado. Se assim o fizeres, Argimiro, nunca nas tuas selvas e devezas faltará com que exercitares o mais nobre mister de um fidalgo. Alem disso se tu souberas o que um dia me aconteceu . . . escuta-me que é um horrendo caso . . .»

O velho não pôde acabar; porque a morte lhe cravou neste momento as garras. Murmurou algumas palavras inintelligiveis: revirou os olhos, e feneceu. Deus seja com a sua alma!

Tinham passado annos: certo dia chegou ao castello do conde um mensageiro d'elrei Wamba. Chamava-o elrei a Toledo para o acompanhar com sua mesnada contra o rebelde Paulo. Os outros nobres-homens das cercanias eram como elle chamados. Antes, porem, de partirem juntaram-se todos no castello de Argimiro para fazerem uma grande montaria com mais de cem alãos, sabujos, e lebreus, cincoenta monteiros, e moços de bésta sem conto. Era uma vistosa caçada.

Sahiram no quarto d'alva: correram valles e montes; bateram bosques e mattos. Era comtudo meio dia e ainda não haviam alevantado porco, urso, zebra ou veado. Blasphemavam de sanha os cavalleiros, praguejavam, e depennavam as barbas.

Argimiro, que por longa experiencia conhecia os sitios mais profundos da espessura, sentiu lá por dentro uma tentação do diabo. Os meus hospedes, pensava elle, não partirão sem beberem alguns cangirões de vinho sobre uma ou duas peças de caça. Juro-o por alma de meu pai.» — E seguido de alguns monteiros com suas trellas de cães afastou-se da companhia, e deu a andar, a andar, até que se lançou por um valle abaixo.

O valle era escuro e triste: corria pelo meio uma ribeira fria e malassombrada. As bordas eram penhascosas e faziam muitas quebradas. Argimiro chegou á primeira volta do rio: parou, pôz-se a

olhar de roda, e achou o que procurava. Uma caverna se abria na encosta fragosa, que descia até a estreita senda da margem por onde o cavalleiro caminhava. Argimiro entrou na boca da cova, e a um aceno entraram apoz elle monteiros, moços de bésta, allãos, sabujos e lebreus fazendo grande matinada.

Era o covil de um onagro: a fera deu um gemido e deixando as suas crias estendeu-se no chão e e abaixou a cabeça como quem supplicava.

«A ella! — gritou Argimiro; — mas gritou voltando a cara.

A matilha saltou no pobre animal; que soltou outro gemido, e cahiu todo ensanguentado.

Uma voz soou então nos ouvidos do conde: e dizia: — orphãos ficaram os cachorrinhos do onagro: mas pelo onagro tu ficarás deshonrado.»

«Quem ousa aqui fallar agouros? — gritou o rico-homem olhando iroso para os monteiros. Todos guardaram silencio: mas todos estavam pallidos.

Argimiro pensou um momento: depois sabindo da cova murmurou: «Vá, com mil satanazes!»

E com alegres toques de buzina e latidos da matilha fez conduzir ao castello a prêa que tinha preado (*).

E tomando o seu girifalte prima em punho, ordenou aos monteiros fossem dizer aos nobres caçadores que dentro de duas horas voltassem, porque achariam em seu paço comida bem aparelhada.

Depois seguido dos falcoeiros começou a encaminhar-se para o solar lançando nebris e falcões e ajuntando caça de volateria, que a havia por aquellos montes mui basta.

IV.

Dobrava a campa da torre de menagem no castello do conde Argimiro: — dobrava pela linda condessa que seu nobre marido havia matado.

Andas cubertas de dó a levam a enterrar ao mosteiro visinho: os frades vão atraz dos andas cantando as orações dos finados: apoz os frades vai o rico-homem vestido de grossa estamemha, cingido com uma corda, e rasgando pelas urzes e pedras os pés que leva descalços.

Porque matou elle sua mulher, e porque ía elle descalço?

Eis o que a esse respeito refere a lenda escripta na folha branca do santoral.

V.

Dois annos duraram guerras d'elrei Wamba: foram guerras mui de contar.

E por lá andou o rico-homem com seus bucelarios que assim se diziam então acostados e homens d'armas. Fez estrondosas façanhas e cavallarias, mas voltou cuberto de cicatrizes deixando por campos de batalha gasta e consumida a sua valente mesnada.

E atravessando de Toledo para a Biscaia seguia-o apenas um velho escudeiro. Velho e cheio de cans e rugas tambem elle era, não de annos mas de penas e de trabalhos.

Caminhava triste e feroz no aspecto: porque do seu castello lhe eram vindas novas d'entristecer e raivar.

E cavalgando noite e dia por montes e charneças, por bosques e por çarçaes imaginava no modo

(*) Um jumento silvestre não seria mui delicado manjar para meza moderna; mas o uso da carne asinina na idade media era vulgar: ainda em muitos dos nossos foraes apparece marcado entre as portagens o quanto devia pagar este genero de carne.

por que descobriria se eram falsas ou verdadeiras essas novas de mau peccado.

VI.

No solar do conde Argimiro um anno depois da sua partida, ainda tudo dava mostras da magua e saudade da formosa condessa: as salas estavam forradas de negro: de negro eram os trajos della: nos pateos interiores dos paços crescêra a herva de modo que se podia ceifar: as reixas e as gelosias das janellas não se haviam tornado a abrir: descantes de servos e servas, sons de salteiros e harpas tinham deixado de soar.

Mas ao cabo do segundo anno tudo apparecia mudado: as colgaduras eram de prata e matiz: brancos e vermelhos os trajos da bella condessa; pelas janellas do paço restrugia o ruido da musica e saráus; e o solar de Argimiro estava por dentro e por fóra alindado.

Um antigo villico do nobre conde fóra quem destas mudanças o avisára: doíam-lhe tantos folgares e contentamentos; doíam-lhe a honra de seu senhor, pelo que elle via, e pelo que se murmurava.

Eis-aqui como se passára o caso.

VII.

Longe do condado do illustre barão Argimiro o Negro, para as bandas de Galliza vivia um nobre gardingo — como quem dissesse infanção — gentilhomem e mancebo, chamado Astrigildo o Alvo.

Contava vinte e cinco annos; os sonhos das suas noites eram de formosas damas; eram d'amores e deleites; mas ao romper da manhã todos elles se desfaziam — que ao saber ao campo, não via senão pastoras tostadas do sol e das neves, e as servas grosseiras do seu solar.

Destas estava elle farto. Mais de cinco tinha enganado com palavras; mais de dez comprado com ouro; mais de outras dez, como nobre e senhor que era, brutalmente violentado.

Com vinte e cinco annos, já no livro da justiça divina se lhe haviam escripto mais de vinte e cinco grandes maldades.

Uma noite sonhou Astrigildo que corria serras e valles com a rapidez do vento, montado em onagro silvestre, e depois de correr muito chegava alta noite a um solar, aonde pedia agasalho.

E que formosa dama o recebia e que em poucos instantes um do outro se enamorava.

Acordou sobresaltado; e durante o dia inteiro não pensou em outra cousa senão na formosa dama que víra nos sonhos da madrugada.

Tres noites se repetiu o sonho: tres dias o mancebo seismava. Encostado á varanda de um eirado na tarde do terceiro dia olhava triste para as montanhas do norte que via lá no horisonte como nuvens azuladas: o sol começava a descer no poente e ainda elle estava embebido em seu melancolico seismar.

Por acaso volveu então os olhos para o terreiro que lhe ficava por baixo: um onagro da floresta estava ahí deitado como se fosse manso jumento: era inteiramente semelhante áquelle com que havia sonhado.

Sonhos de tres noites a fio não mentem: Astrigildo desceu á pressa ao terreiro: o onagro quieto deixou-se enfrear e selar; e a Deus e á ventura o mancebo cavalgou nelle e deitou pela encosta abaixo.

Cumpria-se tudo á risca: o onagro não corria, voava.

Mas o céu entrou a toldar-se, com o anoitecer: a escuridão cresceu e desfechou em vento, trovões,

chuva e raios. O mancebo começava a perder o tino, e o onagro dobrava a carreira, e bufava violentamente. Parou em fim a horas mortas. Sem saber como, Astrigildo achou-se juncto das barreiras de um solar acastellado.

Tocou a sua buzina, que deu um som prolongado e tremulo, porque elle tremia de susto e de frio. Apenas cessou de tocar, a ponte levadiça desceu, muitos escudeiros sahiram a recebê-lo entre tochas, e as salas dos paços illuminaram-se.

Era que tambem a condessa tinha por tres noites sonhado!

VIII.

A clepsidra marca a hora de sexta nocturna e ainda dura o saráu no solar do conde de Biscaia: porque a nobre condessa e o gentil Astrigildo assistem ás danças e jogos dos libertos e servos, que para elles esparecerem folgam lá na sala d'armas. Mas n'um aposento baixo do solar um homem está em pé com um punhal na mão, olhar furibundo, e o cabello eriçado; parece escutar toada longinqua: outro homem está diante d'elle dizendo-lhe: senhor, ainda não é tempo para punir o grande peccado. Quando elles se recolherem, aquella luz que vêdes acolá hade apagar-se: subi então, e achareis desempedido o caminho secreto para a camara, que é a mesma do vosso noivado.

E o que fallava sahiu, e daí a pouco a luz apagou-se, e o homem dos cabellos hirtos, e do olhar esguazeado subiu por uma ingreme e tenebrosa escada.

IX.

Quando pela manhã cedo o conde Argimiro do seu balcão principal ordenava que levassem o corpo da condessa a um mosteiro de Donas que elle fundára para ahí ter seu moimento, elle e os de sua casa, e dizia aos homens d'armas que arrastassem o cadaver de Astrigildo, e o despenhassem de um grande barrocal abaixo, viu um onagro silvestre deitado a um canto do pateo.

«Um onagro assim manso é cousa que nunca vi: — disse elle ao villico que estava alli ao pé. Como veio aqui este onagro?»

O villico ía a responder, quando se ouviu uma voz: dir-se-hia que era o ar que fallava.

«Foi nelle que veio Astrigildo: será elle que o levará. Por ti ficaram orphãos os filhinhos do onagro, mas pelo onagro estás, oh conde, deshonrado. Foste crú com as pobres feras: Deus acaba de de vinga-las.»

«Misericordia! — bradou Argimiro, porque naquelle momento se lembrou da maldita caçada.

Neste momento os homens do conde sabiam com o cadaver sangrento do mancebo: o onagro apenas o viu saltou como um leão no meio da turba que fez fugir, e segurando com os dentes o morto arrastou-o para fóra do castello, e como se tivesse em si uma legião de demonios foi precipitar-se com elle do barrocal abaixo.

Era por isso que o conde ía cingido de corda e descalço apoz os frades e a tumba. Queria fazer penitencia no mosteiro, por haver quebrado o juramento que tinha feito a seu pai.

As almas da condessa e do gardingo cabiram de chofre no inferno por terem deixado a vida em adulterio, que é peccado mortal.

Desde esse tempo as duas miseraveis almas tem apparecido a muita gente dos desvios da Biscaia:

ella vestida de branco e vermelho, assentada nas penhas cantando lindas toadas: elle retouçando ahi perto, na figura de um onagro.

Tal foi a historia que o velho abbade contou a meu pai, e que elle me relatou a mim antes de ir cumprir sua penitencia nessa guerra de mouros que lhe ha sido tão fatal. —

Assim concluiu Inigo Guerra. Brearte — o pagem Brearte sentia os cabellos arripiarem-se-lhe. Por largo tempo ficou immovel defronte de seu senhor: ambos elles em silencio. O moço rico-homem não podia engulir bocado.

Tirou por fim da escarcella a carta de D. Diogo para a tornar a ler. As miserias e lastimas que ahi recontava eram taes, que D. Inigo sentiu o pranto gotejar-lhe abundante pelas faces abaixo.

Então ergueu-se da meza para se ir deitar. Nem o barão nem o pagem pregaram olho toda a noite: este de medroso, aquelle de desconsolado.

E nos ouvidos de Inigo Guerra soavam continuo as palavras de Brearte: «Porque não ides á serra procurar vossa mãe?» — Só por encantamento seria de feito possivel tirar das unhas dos mouros o nobre senhor de Biscaia.

Rompeu finalmente a alvorada.

(A. Herculano.)

DOCUMENTO A FAVOR DA CONSERVAÇÃO DOS MONUMENTOS.

Transcrevendo este documento com a sua extravagante orthographia, ainda que irregular, propria do seculo [mormente em papeis avulsos], não tivemos a intenção só d'offerecer um specimen deste genero: quizemos sobre tudo mostrar quanto se zelava ha tres seculos a conservação dos monumentos. Propagadores das nobres ideas, que tem vogado ultimamente a favor das antiguidades patrias, não podemos resistir ao desejo de imprimir a presente informação, que é bom testemunho a favor de nossas opiniões, e bom exemplo para imitar-se, vendo-se como então se acudia a reprimir a destruição das memorias archeologicas.

*

SENHOR huia Carta de Vossa Alteza me foy dada, per que me mandava, que viesse a esta Villa de Villa de Conde, e soubese da Abbadesa, por que mandara deribar huia Caza, em que estavam certas Sepulturas antiguas, e a rezão que me dese, escrevese a Vossa Alteza, e asy lhi notificouse, que Vossa Alteza avia por bem, que ella mandase loguo correger a dita Caza, como dantes estava, e lhe asynase aquelle termo, que me amy parecese conveniente pera o ella mandar fazer, segundo calidade da Obra, e asy escrevese a Vossa Alteza os Muimentos, que hy avia, e os letreiros, que tevesem. Eu Senhor vim loguo a fazer o que Vossa Alteza me mandava, e dise Abbadesa o que me Vossa Alteza mandava, e vi a dita Caza, em que estava as ditas Sepulturas, a qual Caza, Senhor, he huia Gualilé, que está diante da Igreja grande de duas naves, a qual está saã, e inteira das paredes sómente está decima descuberta do telhado, dise-me Abbadesa, que quando viera pera quella Caza achara ja huia das naves descuberta, que cayra, e que ella mandara descubrir a outra, porque nom cayse, e asy me deu rezam alem diso, que lhe parecia, que pera sua onestidade da Caza era melhor estar asy descuberta, sómente em huã cabo della está huã pedaço de telhado cuberto, e cerquado

com huã grades de ferro dentro do qual estão estas Sepulturas, que se seguem; a saber; duas Sepulturas grandes com vultos em cima de huã homẽ, e huã mulher sem nenhuã letreiro, nem escudo de armas, e estes diz que sam de Dom Affonço Sanches filho delRey Dom Diniz, e de sua mulher, os quaes diz, que fizerão aquelle Mosteiro; estam loguo junto destes outros dous Muimentos mais pequenos com muitos Escudos nelles na pedra lavrados, com as quinas de Portugal em huia metade, e cinco froles de Liz de França na outra metade; e estes tambem nom tem letreiro nenhuã, e diz que som de dous filhos do dito Dõ Affonço Sanches está yso mesmo hy outro, que nom tem armas nem letreiro, e he fama, que he de huã Mestre de Santiago destes Reynos de Purtugal, e nom ha memoria do nome: estam hy outros dous, que têm huã Escudo em huã cabo que tem, e huia metade as quinas de Portugal, e na outra metade as cinco froles de Liz, e no meo huã Escudinho raso sã nada, e no outro cabo tem outro Escudo, que na metade tem as quinas, e froles de Liz, e na outra metade huia Barra com duas cabeças de Serpes em cada ponta sua, e na parede defronte delle está huim letereyro, que diz que aly Jaz Dõ Fernando de Meneses, e sua mulher bisneto de Dõ Affonço Sanches, o qual hé Padroeyro daquelle Mosteiro: Estes Senhor sam os Muimentos, que estam debayxo daquelle pequeno cuberto, que ficou, e fora delle está outra Sepultura no descuberto, que tem huã Escudos; a saber; em huia metade as quinas de Portugal postas em aspa, e na outra metade huia Cruz, e nom tem letreiro, e dizem que he de huia filha do Conde Estabre Dom Nuno Alvares Pereira que foy mulher do Duque Dom Affonço, filho delRey Dom Joam o primeiro, este Muimento me dise Abbadesa, que quando viera pera ly o achara no Coro dentro, e que estava detras das cadeiras, e que quando mandara correger o Coro nom sabendo cujo era, o mandara aly pór fora, e aguora por que soubera cujo era o queria mandar pór dentro no Capitollo, e asy me dise, que mandava fazer huma Capella com o arquo pera dentro para a Igreja, pera pór nella os Muimentos de Dom Affonço Sanches, e de sua mulher, e de seus filhos, que edesiquaram aquelle Mosteiro, e eu vy ja a dita Capella começada, e segundo meu parecer ella feita, e acabada segundo amostra que me della mostraram, ellas estaram na dita Capella melhor, e mais hõradamente, que na dita Gualilé, ainda que se cubra como dantes: Esto Senhor he, o que achei, e eu toda via lhe asyney termo daqui até Janeiro, que ella tornase mandar cobrir a dita Gualilé de olibel, e telha como antiguamente soya estar, porque asy o mandava Vossa Alteza, e este termo lhe dey, porque ha mester muyta madeira, pera o olivel, e ade vir de fóra, que a nom há na terra, e asy telha que se ha de fazer no veram, porque me informey com Officiaes, que tanto era necessario, asy que todo está feito como Vossa Alteza me mandou, que fizesse; por ora Senhor nom mais, senam que a Santissima Trindade conserve, e acrecente o Real Estado de Vossa Alteza a seu Serviço. De Villa de Conde a 20 de Abril de 1525. — Do vosso Corregedor de Antre Douro, e Minho o Licenciado Antonio Correa.

TRES cousas se não recuperam depois de perdidas: vergonha, lealdade e virgindade.